

## A GENEROSIDADE QUE NOS TROUXE ATÉ AQUI

Muito boa tarde a todas e a todos!

As belíssimas palavras do Alfredo Teixeira e a densidade do videoclip que escolheu para nos acolher neste fim de tarde são as melhores boas-vindas com que poderíamos desejar receber-vos.

Aproveito caber-me apresentar-vos o primeiro orador para partilhar convosco dois pensamentos. Os nossos convidados não levarão a mal que, para situar estes encontros no trajeto do Sínodo 2016, por um breve momento tome como interlocutores principais os que hoje vão ficar em silêncio. De facto, sem essa convocação inicial do Patriarca de Lisboa e sem **o novo tempo eclesial** que estamos a viver desde a eleição do Papa Francisco, não teríamos pensado Escutar a Cidade. Porém, o que aqui nos fez convergir, nasce de reconhecimentos e reflexões anteriores.

E é esta a primeira ideia:

Talvez nunca como hoje vivamos a intensa convicção de que a nossa relação individual e comunitária com Jesus Cristo é central enquanto lugar de crítica, inspiração, procura e suporte do exercício da nossa condição cidadã. Na profundíssima desestruturação social, cultural e societária em que nós católicos participamos e de que também somos autores, a fé não é um refúgio apaziguador, um abrigo confortável de autoajuda, mas sim uma companheira sempre inquieta e insatisfeita, capaz de apontar o intolerável, de firmar valores, de inspirar comportamentos e atitudes, de gerar respostas em contracorrente e manifestar o repúdio do inaceitável.

Vivemo-lo. Vivemos tudo isto, mas vivemos também o paradoxo, diria a esquizofrenia, do modo incipiente como somos capazes de formular a linguagem, os modos, os lugares, os convites para partilharmos o que vivemos com quem não comparte a mesma inspiração, sujeitando-nos, nessa partilha, ao olhar crítico dos nossos contemporâneos – única forma de tornar para eles entendível e pertinente o que experienciamos.

A iniciativa de escuta que hoje aqui nos traz pretende ser uma etapa nessa procura baseada numa vontade de cidadania partilhada, numa vontade de responsabilidade comum pela coisa pública e pela construção de vidas qualificadas e qualificantes na e da nossa cidade.

E o segundo pensamento é este:

Chegámos a este encontro por um caminho mais longo do que a maioria dos presentes pode imaginar. Processo que envolveu tarefas árduas, esperas infindas, incertezas perturbantes, dúvidas recorrentes, algumas deceções e desânimos vários. Mas se não nos perdemos pelo caminho, isso deve-se à enorme generosidade de imensa gente. Deve-se, desde logo, à imprevisível, mas calorosa, disponibilidade de uma trintena de movimentos e organizações católicas para se assumirem como promotoras do Escutar a Cidade. E também ao apoio de tantos através de sugestões, indicações, disponibilidades, trabalho, tecer de fios, encorajamento – tudo isso que recebemos, foi o que nos fez chegar até aqui. Não posso nomear todos. Mas recordo-me do nome próprio de cada um e de cada uma. Não os nomearei, mas quero agradecer em nome de todos aos oradores de hoje à noite. Eles são um belo exemplo do que acabo de sublinhar: num gesto de enorme gratuidade aceitaram, no meio dos seus múltiplos trabalhos, encontrar tempo para formularem aquilo que agora nos vão comunicar.

Muito obrigado!

Cabe-me então chamar a este microfone António Guerreiro – crítico literário do Público, professor universitário, autor de diversos livros e estudioso incansável. Há três décadas cruzei-me com ele no Expresso, depois a vida afastou-nos. De longe continuei seu leitor. Recordo a conversa a três – António Guerreiro, António Marujo e eu – num café perto do Rato – ou não fossem os cafés!... –, recordo essa conversa como um momento de imediata sintonia sobre desafios intelectuais, culturais e societários que enfrentamos e em que o António se revelou (afinal!...) conhecedor e fino crítico dos modismos autoconvencidos em que alguma produção cultural católica se deixou enredar. Recordo o belo mail em que me escrevia: “... entre os afazeres e solicitações com que estou comprometido (...), o teu convite é o que mais me entusiasma porque foge às minhas rotinas e aos círculos em que me movo.”

Igualmente estimulante é o título que escolheu para a sua comunicação: "**Um Breve Léxico do Nosso Tempo**".

JW / Lx. 15-01-2015